

PROJETO ALEGORIAS DO BRASIL

Programa 2

O VIRO DO IPIRANGA

Laura de Mello e Souza [Historiadora]

Os portugueses são um povo de marujos e te quem fazer travessias de meses e tem tempestades, os mastros quebram, as velas se arrebentam, eles têm que saber improvisar dentro de um naviozinho que é desse tamaninho, quando a gente vai lá no, no mu... Museu em Lisboa a gente fica impressionado, tem que improvisar dentro do navio, quer dizer, é uma população de pescadores que está sempre tendo que sair do território, que tem uma lida... Tem a lida com os mouros evidentemente, mistura com, com os, os mouros do Norte da África e, e que tem uma relação diferente não digo que é melhor nem pior, diferente como os povos onde chegam. É difícil pensar no que foi, no que é o Brasil sem se referir à escala, é um, é um território gigantesco, quer dizer, nós moramos num continente, então dar conta da, da, da ocupação e da... Do povoamento de um território desses implica em formas de vida inusitadas.

Guillermo Guicci [Historiador]

Inicialmente eu... Quer dizer, tem é uma integração de pessoas que ficam seja por acidentes, naufrágios, degredo mas que se integram de fato a uma situação onde eles estão sozinhos e têm que se virar. Essa viração de fato é um fenômeno que continua pelos próximos 500 anos.

Mary Del Priore [Historiadora]

Nós temos desde o início, ou seja desde esses primeiros anos a presença enorme de pequenos povoados e de gente que vem de toda parte, não são só portugueses são franceses que estão aqui, são holandeses que estão de passagem, são ingleses, são italianos, são marinheiros que vão de alguma maneira ativar essa costa em muito pouco tempo com ou sem donatários, ou seja, pessoas que têm a posse da terra, não são proprietários da terra mas têm a posse, o que nós vamos ter é um litoral onde as pequenas povoações começam a surgir justamente da areia, né, são pedras juntadas e cal

cobertas de palha, pequenos negócios sendo feitos. Inicialmente é escambo de pau-Brasil mas rapidamente depois são produtos, são utensílios para trabalhar a terra. Então é sempre bom lembrar que esse início, esse primórdio não pertence ao Estado pertence a pessoas que vão com muito custo, muita engenhosidade, uma sinergia incrível de culturas, que é sempre bom lembrar que esses brancos estão aprendendo com os índios como é que é adentrar a mata, como é seguir os peabirus que eram aqueles caminhos secretos ali pelo meio das árvores, como tirar mel, como aproveitar a mandioca, onde e como pescar, onde é que tinha água, tudo isso que era uma ciência entre os cacicados indígenas é nesse momento absorvida por essa plêiade de homens que está aqui indo para baixo e para cima e já operosos, e já trabalhando.

Laura de Mello e Souza [Historiadora]

Mas a colonização ela, ela implica uma série de variáveis, quer dizer, recriar um novo mundo segundo determinados parâmetros, fazer com que as pessoas que, que estão... Que ali estão obedeçam a uma determinada ordem que muitas vezes é alheia. Então como é que uma população que se torna crescentemente mestiça e que fala a língua geral até o Século XIX, como é que ela vai obedecer diretrizes por... Metropolitanas. Então, na Raiz do Brasil, Sérgio Buarque de Holanda, tem uma nota enorme sobre a língua geral que é uma beleza, ele fala: “As atas de São Paulo da Câmara Municipal no Século XVI e XVII elas frequentemente elas estão escritas numa mistura de português e nheengatu”, então a ques... E, e depois a i... A relação desigual que se estabelece entre colônia e metrópole gera uma, uma... Sempre uma... A sensação do, do imediatismo e da transitoriedade. Imediatismo você tem que obter as... Tudo rapidamente porque você não vai ficar aqui. Então o... Em princípio um português que se desloca lá do Minho porque não tem como sobreviver, em geral a família manda o fi... O filho que é alfabetizado ou que é mais apto para se virar, já tem alguns parentes aqui que vão receber, o menino vem para fazer a América literalmente, mandar dinheiro para Portugal voltar, ir lá fazer uma quinta ou abrir um negócio, ele não quer ficar no Brasil.

Renato Lessa [Filósofo político]

Mas a situação do... Dos seres humanos que foram colocados aqui ela... Da dispersão absoluta, da ausência de cidades é um mundo sem linguagem, mundo sem associações por oposição à experiência europeia que é o mundo do... Da cu... Do

localismo da, da cultura cívica, da participação direta do cidadão nos negócios públicos, ou seja, a ideia de que a crença de pertencimento europeia, que é cívica e política, ela não teria se rebatido no cenário brasileiro, teria gerado essa, essa imensa dispersão e sobretudo a ideia de que as relações quando elas, quando elas, quando elas se dão elas são pautadas pela, pela, pela violência, pela força sem a mediação, sem a mediação de referências de ordem mais geral. Então essa cultura insolidária ao mesmo tempo em que ela é dispersiva ela tam... Quando, quando ela, quando ela produz alguma interação essa interação é de natureza privada, de natureza familística, quer dizer, a cultura do clã e de natureza belicosa que não se reconhece uma outra coisa, uma esfera pública, uma esfera mais abrangente que é de natureza abstrata.

Arno Wehling [Historiador]

Essa comunidade rural que se forma tanto na, na área do açúcar quanto na área pecuarista, essa comunidade rural ela é um mundo em si próprio tanto na, na família patriarcal que o Gilberto Freyre estudou do, do açúcar ou na família do, do grande proprietário pecuarista, né, você desenvolve uma estrutura patriarcal que é muito moldante do que aconteceu no Brasil.

Mary Del Priore [Historiadora]

E são essas famílias com pater família, com os agregados, com os filhos das sucessivas mulheres que vão morrendo de parto e que não param de ter filho, e com os índios que nesse momento já estão ali completamente absorvidos, e essas famílias são profundamente hostis ao controle do Estado ou da igreja, então vai se criando, e tanto Gilberto quanto Sérgio mostram isso muito bem, uma espécie de não Estado mas de gente que vai povoando, de gente que vai produzindo, gente que vai sobrevivendo.

Laura de Mello e Souza [Historiadora]

Quer dizer, o Brasil é longe de Portugal e é longe do Brasil. O Brasil é longe daqui. O problema da distância implica em que, em que a... Haja necessidade de tomar decisões às vezes rapidamente por parte dos governantes que estão aqui sem conseguir consultar a, a coroa.

Silviano Santiago [Escritor e ensaísta]

O espaço geográfico que representa o Brasil espanta o europeu. Eu acho que eles se dão conta de que é um mundo tão vasto e tão complexo que não há possibilidade de você controlar isso sem força, sem uma forma poderosa que traga a sua unidade.

Danilo Marcondes [Filósofo]

Acho que o Marquês de Pombal é a figura que realmente imprime ao Brasil essa necessidade de uma submissão mais forte à coroa portuguesa e que traz uma concepção extremamente autoritária de Estado, de governo, de política. Então o Marquês de Pombal proíbe o uso no Brasil das línguas indígenas inclusive do inhangatu que era a língua falada por todo mundo, inclusive pelos bandeirantes, falavam inhangatu, aí o Marquês de Pombal proíbe o inhangatu e obriga que só se use a língua portuguesa. Eu acho que aí é o momento que o Brasil então começa a se enquadrar mais fortemente como colônia de Portugal e aí você começa a ter uma política mais planejada de presença desse Estado português aqui e, portanto, a necessidade do brasileiro de burlar um pouco a presença desse Estado.

Arno Wehling [Historiador]

Vamos tentar encaixar um pouco o Pombal no, no século XVIII. O conceito de polícia no século XVIII na França, na Alemanha onde ele fi... Foi mais forte era a ideia de, polícia um pouco no sentido inglês de policy e politics, de você ter uma... Um planejamento, uma planificação, uma organização administrativa do Estado. A polícia no sentido policial repressor, mantenedor da ordem ou coisa parecida era um aspecto disso, mas a ideia de polícia envolvia você atribuir ao Estado um papel que nenhum monarca absoluto anterior tinha pensado, isso é, um papel diretor da sociedade.

Danilo Marcondes [Filósofo]

Com vice-reinado no Brasil, etc., começou um projeto que vem até a vinda da família real portuguesa em 1808 para o Brasil. Acho que aí começa um projeto em que começa a se constituir essa nação e essa nacionalidade um pouco diferente desse momento anterior que era o momento em que havia um hibridismo maior e havia uma integração cultural maior. Acho que aí se dá uma guinada.

Contardo Calligaris [Psicanalista]

Na hora que a gente deveria ter normalmente feito uma revolução que não teria sido nem tão complicada para ganhar a nossa independência a corte de Portugal foge, vem para cá.

Heloísa Starling [Historiadora]

D. João VI ele passa para uma determinada visão da história do Brasil como um personagem bobão, um personagem bobo, um personagem fraco. Eu discutiria isso porque se você for ler as memórias de Napoleão Bonaparte que ele escreve já no... Na, na Ilha de Santa Helena, se não me engano, Napoleão vai dizer o seguinte: “O único rei europeu que me enganou foi D. João VI”. A ideia de vir para o Brasil não é que aparece naquele momento ela é anterior, no final do Século XVII você começa a ter personagens tanto no Brasil quanto no exterior que vão dizer: “Ó, a ideia de um império luso-brasileiro é uma boa solução para o poder português e para o, e para o Atlântico”. A vinda de D. João VI significa... É uma, uma, uma decisão radical e se a gente pensar no contexto da época inédita, quer dizer, você transferir uma corte para o Brasil não é pouca coisa, né, nunca tinha sido tentada na história.

Isabel Lustosa [Historiadora]

Toda corte, né, todo aparato vem com D. João, seus ministros, os principais da igreja, personalidades do Exército e todos o acompanham, o aparelho de Estado se transfere para o Brasil. É isso que vai ser a essência do processo de independência porque o Rio tornado metrópole Lisboa tornada colônia, isso nunca os portugueses vão aceitar. Então quando D. João vem estabelece aqui seus ministros, estabelece aqui o tesouro, cria logo uma escola militar, depois cursos de Medicina, as embaixadas começam a vir para o Rio e os embaixadores têm suas representações, o Rio se, se torna cosmopolita em pouco tempo.

Arno Wehling [Historiador]

Quando D. João sai em 1821 as comarcas pularam de 21 para 28 e o juizado de fora de 13 para 51, então você tem um crescimento da burocracia. Essa burocracia ela é bastante atuante, bastante propositiva, isso é, eu percebi claramente que em muitos casos os burocratas pressionam a para criação de cargos.

Mary Del Priore [Historiadora]

Os senhores de engenho que enriquecem eles vão buscar casamento para suas filhas junto a esses oficiais e funcionários. Ter um casamento com funcionário era uma forma inelutável de upgrading, de dignificar uma família. Quando os funcionários são do Judiciário facilitava tudo, porque se o senhor de engenho tinha algum empenho ou se ele tinha algum débito, ou se ele tinha alguma dívida, se ele tinha algum processo esse funcionário, futuro genro, ia tratar de diluir todos esses problemas. Então você tem aí já essa, digamos, essa... Essas, essas caras diversas que esse funcionalismo vai acabar tendo no Brasil.

Ynaê Lopes dos Santos [Historiadora]

Acho que essa é a forma como o Estado brasileiro funciona: “Ah, então você tem essa, essa viração acontecendo à margem”, acho que ela não é à margem acho que ela é constitutiva porque o Estado nacional ele aparece no... Em momentos mais agudos, digamos assim, ele não se faz presente. Claro que depois você tem um... Em alguns casos cada vez mais na verdade a partir do Século XIX uma burocratização de tudo, porque você tem mais papéis, você tem, né, mais gente para, para gerenciar esse, esse Estado, mas de fato você tem um Estado nacional, né, herdeiro de um... De uma colônia que o espaço para o arranjo é muito maior.

Danilo Marcondes [Filósofo]

Tem essa grande ambiguidade nossa independência que foi, foi um momento de independência, né, de reivindicar a nossa nacionalidade mas feita pelo príncipe português, então você talvez não tivesse outro jeito naquele momento tinha que aproveitar a presença de D. Pedro que ele de alguma forma... Mas ela é um projeto frustrado também.

Renato Lessa [Filósofo político]

O príncipe era príncipe antes da nação, quer dizer, não foi a nação que se constituiu, que se organizou, definiu seus rumos e produziu um governo adequado ao que ela gostaria de ser, em comparação com, com, com a Convenção da Filadélfia é quase que inevitável, com o Convenção Francesa depois de 89, quer dizer, a nação reunida em seus representantes produz uma certa ideia de sociedade e essa ideia de sociedade ela produz uma certa forma política. Nosso caso a forma política antecede e a vida como ela é, para usar essa be... Magnífica expressão sociológica do Nelson

Rodrigues, ela, ela é tocada como sempre foi, quer dizer, a... No Século XIX, quer dizer, a vida não era vi... A vida não era a vida dos tribunais e dos e do Estado, a vida era vida da... Do, do chamado Poder Privado por uma razão muito simples, o Estado não tinha meios práticos de ser aquilo que ele acha que deveria ser, centralizado, onipotente e, e, e onipresente, né, quer dizer, pela Constituição, pelo Poder Moderador, o papel do imperador, do governo, pela letra, by the book, centralizar na vida prática é lá embaixo que as coisas se resolvem. Uns potentados locais, os senhores de engenho, os grandes proprietários de terra, de escravos passam a fazer na verdade as vezes do Poder Político e Público nessa... Nessas regiões. A cultura do coronelismo vem daí, quer dizer, a própria ideia de guarda nacional tem a ver com potentados locais privados que assumem funções públicas, passam a ser polícia, passam a ser o juiz, entendeu, passam a dirimir pendências fundadas no Poder Privado.

Isabel Lustosa [Historiadora]

E a independência é feita aqui mas ela é provocada lá pelos liberais portugueses que não avaliaram bem o prejuízo que era a perda do Brasil. Houve quem disse: “Ah, adeus Brasil fique por lá, vocês vão virar um Haiti com os escravos matando os brancos, etc.”, então a... Havia da parte de uma elite portuguesa um sentimento de que nós passaremos muito bem sem vocês.

Ronaldo Vainfas [Historiador]

Houve uma independência, houve uma independência inicialmente comprometida com, com acomodações, tanto que a Casa Real era a mesmo, tanto que su... Começou a surgir uma, uma pendenga, uma guerra de facções, os brasileiros e os portugueses porque os portugueses ainda tinham muitas posições e os brasileiros... Ficava... Ficou muito esse, esse... Essa tensão. Isso levou até à abdicação no, no imperador, porque se dizia que ele inte... Resguardava o interesse dos portugueses residentes, mas até isso se acomodou porque as elites se entenderam, as elites se entenderam porque... Era o momento de expansão da cafeicultura essa que vem ser a do café, uma época de tráfico, era preciso, era preciso fazer o tráfico e enganar os ingleses ou assinar tratados para inglês ver.

Ynaê Lopes dos Santos [Historiadora]

O Estado nacional brasileiro a partir de 1822 por opção, isso é uma opção, então tem alguns trabalhos que mostram os debates feitos entre os deputados que estão pensando o Brasil, que estão formando o Brasil do ponto de vista político e na sua imensa maioria senhores de escravos, como eles apostam na escravidão e numa escravidão que está num ritmo muito mais próximo do capitalismo do que do mercantilismo. Então o número de africanos escravizados que chega no Brasil a partir da década de 20 é muito maior do que o que chegava até então.

Laura de Mello e Souza [Historiadora]

Eu acho que a questão ali que, que definiu a, a independência também me parece é a... O medo da abolição, né, porque a pressão começa a aumentar em 1807 quan... Quando a Inglaterra aboli o tráfico, tem que abolir, tem que abolir, mas o ponto de viragem é a elevação do Brasil a reino que é 1815, porque aí os portugueses ficam loucos da vida, que teoricamente se o Brasil é reino o rei pode continuar aqui, não é? Do lado dos brasileiros se empoderaram como se diz hoje em dia, né, quer dizer, então essa geração começa a falar: “Já que é reino por que não ser um reino independente!”. Eu tenho impressão que, que a meu ver é ali que o negócio começa a mudar e a pressão continuou enorme sobre a abolição do tráfico, então: “Não... Em 17 a gente a... Abole”, não, depois foi em 1831: “Vamos abolir”, e não aboliram, né, e as eli... Aí sim que eu acho que é o interesse das elites de, de que, né, é, é impossível abolir o tráfico.

Ynaê Lopes dos Santos [Historiadora]

E a gente também tende a naturalizar as permanências na história, né. Então, ah tá, em 1822 o Brasil fez uma, uma independência um pouco tranquila como é ensinada que não foi também tão tranquila assim, mas enfim, né, porque não teve uma grande revolução e a escravidão se manteve. Isso não pode ser naturalizado.

Isabel Lustosa [Historiadora]

A pressão que D. Pedro II sofreu com relação à abolição ela é mantida, né? Esse tema é mantido porque é uma força econômica muito forte, que está representada no Parlamento, no sentido de manter o status quo e o status quo é escravocrata.

Thula Pires [Direito Constitucional]

A régua de aferição do que precisa ser protegido, né, dentro de uma sociedade que viveu um projeto colonial de base escravocrata é o sujeito que é branco, o sujeito masculino, um sujeito de origem europeia, um sujeito que é cristão, um sujeito que é proprietário, né, um sujeito que é hétero normativo, um sujeito que é sem deficiência e a partir daí que o Direito vai se constituir... Vai se construir e vai criar ferramenta de proteção. Todas aquelas... Todas aquelas pessoas e todos aqueles perfis que escaparem dessa régua evidentemente não estarão sob a tutela do Estado e a formação do Estado brasileiro está diretamente relacionada a isso, está diretamente relacionada a essa impossibilidade que corpos não brancos vivam em liberdade, que corpos não brancos vivam em humanidade equivalente a corpos brancos.

Danilo Marcondes [Filósofo]

Eu acho que aí começa um pouco com a Independência que não foi bem uma Independência. Então você vai... É necessário esperar, isso aí vai, vai vir depois, não é, isso foi o... Foi necessário esse, esse arranjo aqui para garantir a Independência mas o projeto de criar um país mesmo vem mais adiante.

Maurício Lissovsky [Historiador]

A ideia da, da viração é que eu acho que existe de fato, isso tem a ver com o mesmo com a mesma discussão que vem tendo aqui, com a, a falta de crença e confiança na institucionalidade. Esse é um traço muito forte da sociedade brasileira, é a ideia de que as instituições não funcionam e se... E, e a gente desconfia delas.

Auterives Maciel [Filósofo]

Ele é um país em construção. Curiosamente é um país que já, já começou sendo um projeto que nunca se efetuiu de fato, ele nunca se realizou plenamente. Por um lado, isso é um defeito por outro lado isso é uma virtude, o fato dele estar em movimento, dele não ser um país ainda consolidado abre inúmeras possibilidades para o povo que aqui habita.

Daiara Tukano [Direitos Humanos]

Os povos originários que conhecem a terra souberam muito bem se virar aqui e é por isso que até hoje o Brasil tem mais de 325 povos indígenas, alguns que ainda continuam em isolamento voluntário e alguns que estão ali resistindo desde o primeiro

contato em Coroa Vermelha, em todo o Nordeste, no litoral Sul do país, no meio da cidade, não é, porque nós somos povos originários dessa terra. Nesses 500 anos esses povos que antigamente podiam ter as suas diferenças, entre clans e tudo mais hoje os povos indígenas do mundo, né, se reconhecem e aceitam a sua diversidade, se tratam como parentes, como irmãos e encontram uma união dentro de... Da sua diversidade de origem, de línguas, de coisas para lutar por uma coisa, aliás, arrisco a dizer por três: pela dignidade, pela autonomia e pela liberdade.